

IMUNIZAÇÃO E MEDO EM *DORMIR AL SOL*, DE ADOLFO BIOY CASARES

Matheus Taylor Souza Borges (PET-ILEEL-UFU)

matheustaylor0503@gmail.com

RESUMO: o presente trabalho analisa a obra *Dormir al Sol*, do autor argentino Adolfo de Bioy de Casares, sob o aspecto do que Esposito (2009) chama de imunização, promovendo um diálogo entre esta teoria e as análises do sociólogo Zygmunt Bauman. Para isso, propõe-se uma análise pelo viés da biopolítica para que se possa compreender os medos do homem contemporâneo, bem como o uso deles como instrumentos de dominação, quando o público interfere no privado, configurando ingerência.

PALAVRAS-CHAVE: biopolítica; imunização; medo; Casares.

"Toda aposta na pureza produz sujeira. Toda aposta na ordem cria monstros."

Zygmunt Bauman

Em se tratando do tema medo, é algo recorrente vê-lo associado a objetos como casas assombradas, fantasmas e outros seres sobrenaturais que causam alguma sensação de insegurança e/ou risco aos indivíduos envolvidos. No presente artigo, propõe-se um olhar diferente para os medos da sociedade contemporânea por meio da análise de um recorte da narrativa *Dormir al sol*, do escritor argentino Adolfo Bioy Casares, tendo como foco o personagem Lucho Bordenave, um homem pacato que tem sua vida marcada não por um medo do sobrenatural, mas pela insegurança de governar sua própria vida e pela renúncia à autodeterminação.

Para tal estudo, serão abordados os medos que permeiam uma sociedade marcada pelo que o filósofo italiano Roberto Esposito (2009) chama de *imunização*, conceito com o qual o estudioso analisa estratégias de poder que fazem do homem moderno um ser que teme de tal modo por sua vida, que acaba por não vivê-la de veras. A abordagem aqui proposta dialoga também com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, para quem as sociedades contemporâneas se caracterizam pela covardia. Pretende-se, portanto, inspirar uma reflexão sobre as estratégias de poder que tornam o homem um ser domesticado por seus próprios medos e o levam a ver riscos em sua existência e na vida em comunidade.

Lucho Bordenave é um relojoeiro que vive em uma vila na Argentina dos anos 1950 em companhia de sua esposa Diana e de sua ama Ceferina. A vida do personagem é pacata e ele se nega a assumir qualquer risco que possa tirá-lo de sua zona de conforto, como pode-se perceber no fragmento abaixo:

No me pida que todas las veces que paso la lleve por delante porque yo prefiero vivir tranquilo y dar un rodeo. Lo de vivir tranquilo es una manera de hablar¹. (CASARES, 2005, p.28).

A insegurança do relojoeiro faz com que ele sempre se preocupe em viver de forma autocorretiva, temendo qualquer comportamento que o afaste do que as convenções sociais ou as leis consideram incorretos. Além disso, o excesso de zelo que ele tem pela tranquilidade faz com que se anule para evitar qualquer tipo de conflito com as pessoas com as quais convive. Nesse ponto é importante retomar o que Espósito (2009) chama de comunidade, que é aquela que aceita o conflito e vê nele algo positivo a ser considerado para a manutenção da democracia, assim a comunidade não é considerada como um todo homogêneo, mas como o convívio entre os conflitos gerados pelas heterogeneidades. O medo de assumir um papel ativo na comunidade faz com que Lucho se anule das responsabilidades que permeiam o viver em comum pelo medo do conflito, como fica claro em suas atitudes a respeito do modo como se porta no ambiente doméstico, como poderá ser visto no fragmento a seguir:

A nadie quiere tanto la gente como a sus odios. Le confieso que en más de una oportunidad entre esas dos mujeres de bien fondo, me sentí abandonado y solitario. Menos mal que a mí me quedaba siempre el refugio del taller de relojería². (CASARES, 2005, p.13).

No fragmento citado, nota-se como o relojoeiro usa o trabalho solitário e sistemático como fuga dos problemas normais que aparecem em todo o tipo de convivência. Essa rejeição contra qualquer possibilidade de desentendimento revela muito de sua inabilidade para lidar com o outro. O destaque posto no caráter solitário de seu trabalho serve para mostrar que nem no ambiente profissional ele tinha que conviver com outras pessoas, ou seja, não enfrentava conflitos nem ao menos no ambiente profissional, instância que exige certas atitudes mais aguerridas.

A resignação do relojoeiro chega a tal ponto de ironizar sua obstinação por ter um caráter reto, tendo em vista o modo como ele abre mão até mesmo de sua palavra, algo considerado de extrema importância para uma moral correta, tendo em vista abster-se da

¹ Não me peça que todas as vezes que sofro dê uma bronca nela porque prefiro viver tranquilo e sair para dar uma volta. Viver tranquilo também é uma maneira de dizer. (Todas as traduções são nossas).

² As pessoas não amam tanto a ninguém como a seus ódios. Confesso-lhe que em mais de uma ocasião entre essas duas mulheres de boas intenções, me senti abandonado e solitário. Menos mal que a mim me restava sempre o refúgio da relojoaria.

responsabilidade de lidar com os conflitos causados pelo comportamento de sua esposa e o ambiente no qual estava inserido, como poderá ser ilustrado pelo trecho que segue:

Pobre Diana, cuando se acordaba de sus internaciones, echaba a temblar como un animal asustado, se aferraba a mis manos y, como si reclamara toda mi atención, toda la verdad, preguntaba: Ahora que estoy casada ¿no me pueden internar, no es cierto? Yo le contestaba que no, que no podían, y creía lo que estaba diciéndole³.”(CASARES, 2005, p.32).

O que Lucho não imaginaria é que, justamente o caráter considerado reto, daria origem à situação de horror que ele e sua família viveriam. Neste momento, é interessante perceber que a ficção começa a provocar o leitor para pensar sobre toda a organização formal das sociedades e os verdadeiros motivos subjacentes a esse modo de lidar com a vida. Sob este aspecto, é importante perceber como as estratégias que visam proporcionar uma falsa proteção são guiadas por vertentes da chamada biopolítica, em seu sentido negativo, a qual projeta medos utilizando dos discursos médico e da lei, numa sociedade marcada pela ânsia por uma proteção que possa livrá-la das desventuras que a vida pode proporcionar a qualquer um que se arrisque a viver a vida intensamente e de forma autônoma

Após a mudança de Standle, um adestrador de cães, para as proximidades da vila em que Lucho vive com sua esposa, esta decide adotar um cachorro e começa a passar muito tempo fora de casa, o que suscita comentários maldosos a respeito da sua fidelidade, e culmina, sob a influência de Standle, com seu internato em um manicômio.

A partir desse momento, Lucho passa a viver um verdadeiro terror e, em determinado momento, também se vê encerrado no manicômio, sendo forçado a rever sua conduta e seu papel na comunidade. A figura de Lucho é uma representação perfeita do que o filósofo italiano Roberto Espósito denomina *Imunização*, que são estratégias utilizadas para domesticar o homem, fazendo-o um ser receoso de assumir um papel ativo no meio em que está inserido e tornando-o, por isso, domesticado.

A obra ainda dialoga com os conceitos de Espósito no que diz respeito a como são apresentadas essas estratégias de *imunização*, seja pelo discurso médico, incutido em toda a obra e que é o causador da maior parte das tragédias que assolam a vida de Lucho e de

³ Pobre Diana, quando se lembrava de suas internações, tremia como um animalzinho assustado, se agarrava às minhas mãos e, como se reclamasse toda a minha atenção, toda a verdade, perguntava: agora que estou casada não podem me internar, não é verdade? Eu lhe respondia que não, que não podiam, e acreditava no que estava lhe dizendo.

sua família, seja pelo uso das leis para manipular o homem e torná-lo refém destas, que deveriam apenas garantir seu direito à liberdade.

Nesse sentido, ambos os textos dialogam com conceitos defendidos pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que afirma que hoje a sociedade é formada por homens covardes. Em seus estudos, o pesquisador aponta várias estratégias aplicadas à sociedade contemporânea para o acovardamento do homem, o qual vive com medo de viver, de compartilhar sua vida com o próximo, o que, na verdade, configura-se como uma renúncia à própria existência.

O sociólogo, assim como Espósito, aponta que tais mecanismos são utilizados como estratégias de poder, que fazem do homem um escravo de seus medos, tirando-lhe a visão ativa do mundo e tornando-o facilmente manipulável. Todos esses aspectos podem ser encontrados na vida de Lucho Bordenave e são os responsáveis por instaurar o horror na vida do personagem.

Na história de Lucho Bordenave tal fato é aclarado em alguns momentos como na situação em que o relojoeiro se vê persuadido a internar sua esposa de sua esposa, momento em que reflete um pouco sobre sua atitude e reconhece que, na verdade, aceitou sacrificar Diana para se livrar facilmente de um problema: “Nada más que por la dificultad de encontrar las palabras, no le dije: No sabe el peso que me ha sacado de encima⁴.”(CASARES, 2005, p.33).

Essas estratégias de poder ainda podem ser notadas na obra após uma breve reflexão do relojoeiro sobre seu consentimento para a internação de sua esposa, como fica evidente no fragmento a seguir:

Después me sentí, no sé si me explico, sin apoyo, nada contento de la decisión que había tomado. Quién sabe si Standle no me había parecido un protector, porque no me dejaba abrir la boca para plantear mis dudas. Creo que tuve miedo, como si hubiera puesto en marcha una calamidad incalculable⁵. (CASARES, 2005, p.34).

O fato apresentado anteriormente deixa claro o modo como várias disciplinas, nesse caso específico a medicina, agem na bios do indivíduo, adentrando a esfera pessoal e assumindo o controle da vida por meio de discursos que não passam de instrumentos de

⁴ Nada mais que pela dificuldade de encontrar as palavras não lhe disse: não sabe o peso que tirou de cima de mim.

⁵ Depois me senti, não sei como explicar, sem apoio, infeliz com a decisão que havia tomado. Quem sabe se Standle no havia me parecido um protetor, porque não me deixava abrir a boca para expor minhas dúvidas. Creio que tive medo, como se tivesse dado início a uma calamidade incalculável.

dominação para a sociedade que Bauman chama de covarde. A ânsia por proteção desse homem domesticado leva-o a viver diversas situações que beiram o risco, como é o caso de Lucho, pela incapacidade de se assumir como agente ativo no meio onde se insere.

É importante perceber que essas estratégias, como aponta Bauman, dão origem a horrores que fogem à ficção e que podem ser experienciados. Dentro deste universo, podemse apontar, por exemplo, os regimes fascistas que nascem da entrada do público na esfera do privado, o que cria estratégias de controle daquilo que é da esfera íntima.

Deste modo, podemos notar que ficção e realidade não são duas esferas tão distantes, tendo em vista que, cada vez mais, são encontrados Luchos da vida real cercados por seus medos e dominados por discursos criados por ideologias que pregam uma suposta liberdade para se fazer “tudo” desde que não se vá contra seus pressupostos, os quais, como já citado, fazem um papel de domesticação e acovardamento do homem da sociedade contemporânea, tornando-o suscetível aos horrores de uma vida pela qual ele passará sem deveras existir.

Neste ponto, faz-se importante ressaltar o perigo do excesso de discrição, visto que essa é uma atitude que impede os vínculos comunitários. Tal fato é aclarado pelo modo como Lucho leva sua vida, sempre do modo mais discreto possível, motivo pelo qual interna sua esposa para evitar boatos sobre sua vida privada, como fica claro no fragmento a seguir:

Standle siguió: -¿A usted le parece bien que la señora ande al santo día lejos del hogar?-Si no fuera más que al santo día...-suspiré.-Y buena parte de la noche.¿Usted la espera muy tranquilo?-No, no la espero tranquilo.-Mientras dure la internación, para usted se acabaron los dolores de cabeza.Dios me perdone dije: -¿Usted cree?-Va de suyo- contestó-. Si me da el visto bueno, entro en contactos con el doctor Reger Samaniego.-La pobre Diana está muy nerviosa- murmuré, y me sentí mal, como si hubiera dicho una hipocresía⁶.(CASARES, 2005, p.32).

É necessário ressaltar que o presente trabalho não dirige sua crítica à discrição ou ao que é resguardado pela esfera privada, mas sim ao seu excesso que, como pode ser visto ainda na vida do relojoeiro impede as ligações com o mundo que o rodeia, tornando-o isolado. Assim, o que se defende aqui é a necessidade de saber resguardar a intimidade,

⁶ Standle seguiu: - Parece-lhe bem que a senhora ande todo santo dia longe do lar? Se não fosse mais que o santo dia...- suspirei- E boa parte da noite. Você a espera tranquilo? – Não, não a espero tranquilo. Enquanto durar a internação as dores de cabeça se acabarão para você. Deus me perdoe, disse: - Você acredita nisso? – Pode acreditar. – me respondeu. Se me dá a permissão, entro em contato com o doutor Reger Samaniego. – A pobre Diana está muito nervosa – murmurei e me senti mal, como se houvesse dito uma hipocrisia.

mas também saber compartilhar as alegrias e a angústias com o próximo como forma de manutenção dos vínculos comunitários, que, no fim são o que dão sentido a uma vida e a fortalece contra controles da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Zahar. São Paulo, 1999.

CASARES, A. B. Dormir al sol. Alianza Editorial. Madrid, 2005.

ESPOSITO, R. Comunidad, inmunidad y biopolítica. Barcelona: Herder Editorial, 2009.